

“NÃO TENHO VERGONHA DA MINHA COR”: HETEROGENEIDADE DISCURSIVA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM NARRATIVA ESCRITA DE UMA DOCENTE NEGRA.

Dayane Priscila Pereira de Souza (UERN/ CAMEAM)
dayanesouza18@hotmail.com

Francisca RAMOS-LOPES (UERN/CAWSL)
Francisca.l@bol.com.br

Introdução

Estudos recentes (BAUMAN, 2003, 2005, 2009; GIDDENS, 2002; HALL, 2011; RAMOS-LOPES, 2010) têm revelado que as identidades são, antes de tudo, movediças, instáveis, não estáticas e estes dados se comprovam no fato de que o indivíduo está inserido em uma conjuntura social, política, cultural, familiar, sendo que estes contextos se constituem em um universo de possibilidades que auxiliam diretamente na constituição e reconstituição das identidades dos sujeitos.

Nesse sentido, como questão inerente ao homem, “nas práticas discursivas, as identidades são elementos que demarcam fronteiras” (RAMOS-LOPES, 2010, p. 33), isto é, estabelecem limites entre um sujeito e outro, pois identificar-se significa tomar partido de uma escolha e não de outra, ou, como menciona Munanga (2009), os sujeitos, a partir do momento em que tomam consciência da diferença entre o Eu e os Outros, começam a ter suas identidades constituídas e “demarcam fronteiras”.

Estando envolvidas em um emaranhado de estruturas sociais, as identidades mudam “de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado” (HALL, 2003, p. 21) e estas interpelações e representações se dão a partir do discurso. O sujeito pós-moderno reconfigura-se nesses processos de interpelação, constituindo para si novas identidades. Esses processos, nas práticas discursivas, se dão, conforme Ramos-Lopes (2010, p. 33),

atravessados por negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades os quais se transformam continuamente e que em cada nova época dão um novo corpo e uma nova vida às identidades constituídas e reconstruídas nas interações sociais.

Isto é, através das escolhas linguísticas, das marcas implícitas e explícitas na linguagem, que negociam sentidos, que jogam com as interpretações, que intercruzam os discursos nas interações sociais, os sujeitos vão constituindo-se identitariamente, dando novas roupagens às identidades ora constituídas, ora reconstruídas.

Partindo desse prisma, as identidades “transpõem os momentos presenciais, das interações face a face, pois cada um é portador de uma história, a qual, imbricada no passado e no presente, e já se projetando para o futuro, contribui para a constituição do sujeito” (MELO; RAMOS-LOPES, 2013, p. 1, 2).

Ramos-Lopes (2010) nos revela que a formação identitária de um sujeito perpassa todas as esferas da vida, a saber, a família, a escola, os amigos, as relações afetivas e profissionais, as quais

são perpassadas por discursos e no que diz respeito às identidades étnico-raciais, esses discursos podem ser gerados carregados de juízos de valor, preconceitos, discriminações e racismos, tendo em vista que os sujeitos negros e negras são marcados sócio-histórico-discursivamente pela diferença de cor/raça (RAMOS-LOPES; SOUZA, 2013, p. 2).

Considerando que esses discursos julgadores e preconceituosos bem como aqueles que lutam por igualdade se imbricam e se inter cruzam aos discursos dos próprios sujeitos negros e negras, a maneira como estes se veem é marcada por esses inter cruzamentos, de modo que seus discursos não mais se constituem apenas de ideias somente suas, mas compartilha ou prolifera discursos outros. Para denominarmos este inter cruzamento, tomamos o termo Heterogeneidade Discursiva, cunhado por Authier-Revuz (1990, 1998 e 2004), que considera a heterogeneidade dos discursos sob duas perspectivas: heterogeneidade constitutiva e mostrada, as quais nos aprofundaremos na próxima seção.

Nessa perspectiva, este estudo objetiva realizar uma análise de uma dentre as 15 narrativas de docentes negros(as) que compõe o corpus da tese de doutorado de Ramos-Lopes (2010) e do E-book da mesma autora (2011). Observaremos como se dá o processo de constituição identitária da docente identificada como Travessa, tomando como foco a imagem que a investigada construiu de si a partir da interferência de marcas advindas do discurso de outros sujeitos que atravessaram sua história de vida.

Partimos da perspectiva teórica da Análise do Discurso de Linha Francesa nas perspectivas de Pêcheux (1990 e 2006) e Maingueneau (1997 e 2011), que parte do superficial ao profundo na análise de um discurso e de acordo com os estudos acerca da Heterogeneidade Discursiva sob a ótica de Authier-Revuz (1990, 1998 e 2004).

Tomamos como paradigma de origem a Linguística Aplicada (MOITA-LOPES, 1996), que abre caminhos para um entrelaçamento de teorias diversas para explicar fenômenos específicos e com maior precisão, sendo do tipo descritiva/interpretativista (BOGDAN; BIKLEN, 1994), que privilegia a descrição dos dados constituídos e posterior interpretação dos mesmos a partir do método qualitativo.

Realizamos um entrelace com os Estudos Culturais e Sociais quando tratamos das Identidades, à luz dos estudos de Bauman (2003, 2005, 2009) e Giddens (2002); da Negritude e do Racismo sob a ótica de Cunha Jr. (2008, 2009), Munanga (2003, 2009a, 2009b) e Ramos-Lopes (2010, 2011), estudos que direcionam a constituição de um indivíduo enquanto sujeito de sua história, mas que interage com o meio social e por isso é influenciado e influencia o contexto no qual transita.

1. Heterogeneidade Discursiva: múltiplas vozes que se cruzam

Principalmente a partir dos estudos de Bakhtin e do Círculo, os estudos da linguagem, revolucionaram a forma de vermos e concebermos os discursos, tendo em vista que até então, a perspectiva adotada admitia apenas o prisma estruturalista, sem abertura ao contexto e às intervenções externas de outros sujeitos e contextos.

Desses estudos em diante, a linguagem e, conseqüentemente, os discursos passaram a serem vistos do ponto de vista dialógico que permite a concepção de que atravessam e se entrelaçam, o que nos permite dizer que nenhum discurso é puro em si mesmo, pois é perpassado por outros discursos, abandonando a perspectiva homogênea de discurso e passando a admitir a heterogeneidade deste.

Deste modo, o discurso sai da posição de estagnação a que era submetido no estruturalismo e passa ser concebido como em processo, em constante mudança, em construção contínua, construção que só ocorre porque os discursos estão atravessados pelo seu sujeito. Cabe aqui uma possível indagação: por que então falar em um sujeito do discurso se em um discurso temos vários outros o atravessando? Não seria mais correto em falar em autorias, em sujeitos do discurso?

Se pensarmos que cada discurso parte de um sujeito que o proferiu, a afirmação acima não se fundamenta, tendo em vista que mesmo com o atravessamento de diferentes discursos, este discurso continua tendo sido proferido por um sujeito e os demais são marcas do alheio.

Essas marcas são o que estuda a heterogeneidade discursiva, proposta por Authier-Revuz (1990, 1998 e 2004), seguida por Maingueneau (1997 e 2011) que aprofundou os estudos sobre heterogeneidade discursiva, elencando o que ele aponta como caminhos para análise de um discurso. Authier-Revuz (1990) considera a heterogeneidade como fundante, ou seja, a linguagem é heterogênea em sua constituição. A autora a investiga a partir do enunciado, concebendo-a por meio de dois processos distintos: a constitutiva e a mostrada, esta sendo o foco de nossa discussão.

Para Authier-Revuz, na heterogeneidade constitutiva,

o discurso é tecido a partir do discurso do outro, que é o “exterior constitutivo”, o “já dito” sobre o qual qualquer discurso se constrói. Na heterogeneidade constitutiva, o discurso do Outro não se mostra no fio discursivo; o discurso não revela a alteridade na sua manifestação” (BARBOSA, 2008, p. 91).

Portanto, neste tipo de heterogeneidade, não há marcas explícitas da presença de outros discursos, no entanto, pela sua própria característica dialógica, o discurso é constitutivamente, isto é, em sua origem, formado por outros. E quando utilizamos este “já-dito”, nem sempre fica claro, devido às tantas vozes as quais ele foi incorporado.

Maingueneau (1997, p. 75) concorda com o posicionamento de Authier-Revuz acrescentando que a heterogeneidade constitutiva “não é marcada na superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva”. Quer dizer, não podemos identificar textualmente a heterogeneidade constitutiva, mas há mecanismo que a AD propõe que nos ajudam a identificar esta faceta da linguagem.

O segundo tipo refere-se aos “processos de representação, em um discurso, de sua constituição” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32). Segundo Barbosa (2008, p. 94), “na heterogeneidade mostrada, a alteridade exhibe-se ao longo do processo discursivo”, isto é, podemos identificar a heterogeneidade mostrada no fio do discurso, na textualidade.

No entanto, mesmo havendo dois tipos de heterogeneidade distintas, não há uma separação completa entre as heterogeneidades constitutiva e mostrada. Authier-Revuz (1990, p. 26) pensa os casos de heterogeneidade mostrada como “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso”.

A heterogeneidade mostrada se subdivide em duas: marcada e não marcada. A primeira, marcada, refere-se às marcas *explícitas*, evidenciadas nas glosas, no discurso relatado, discurso direto e indireto, nas aspas, na negação etc. Entendemos, portanto, que este tipo de heterogeneidade é visível na materialidade linguística do texto.

Na heterogeneidade mostrada não marcada, a presença do outro está no discurso de forma implícita, a saber: discurso indireto livre, ironias, estereótipos, metáforas, jogo de palavras, etc. Desse modo, não existe uma ruptura sintática, nem marcas gráficas visíveis, como o discurso indireto. Assim, os discursos não possuem marcas próprias de manifestação, apenas apropriam-se das marcas de outros discursos para compor-se, pois “todo discurso se constrói pela relação com outros, que, assim, se estabelecem como seu exterior constitutivo” (BARBOSA, 2008, p. 85).

Deste modo, Maingueneau (1997) estuda alguns fenômenos da heterogeneidade marcada que nortearão a análise da narrativa/história de vida produzida pelo docente negro colaborador desta pesquisa. Ele discute que as manifestações mais clássicas das heterogeneidades são os discursos diretos e indiretos, duas estratégias diferenciadas de retratar um discurso, mas que não se opõem entre si.

Isso ocorre porque o discurso direto se apresenta como uma forma literal de relatar o que foi dito por um autor. No entanto, por mais que pareça literal, já é um recorte de um texto maior que, no seu todo, pode dar margem às outras leituras, outras interpretações. O autor ainda revela que o discurso indireto livre se localiza nos deslocamentos, nas discordâncias e, fora de um contexto, não permite aos sujeitos produzirem efeitos de sentidos de forma segura.

Portanto, na narrativa em questão, observaremos as marcas linguísticas que caracterizam mais especificamente a heterogeneidade mostrada e não marcada, tendo em vista tratar-se de formas de discursos implícitas, que, por vezes, passam despercebidos aos olhos dos analistas, mas que carecem de um olhar mais apurado e crítico e assim, investigar as muitas vozes que constituem os discursos do docente negro Batalha, analisando como este sujeito se vê a partir da interferência dos discursos de outros sujeitos nos seus discursos e, nesse processo, como constituem suas identidades.

2. Identidades em foco: múltiplas formas de constituir-se.

As discussões acadêmicas em Linguística têm atribuído ao discurso um papel essencial para a constituição da identidade de um sujeito, conceito que na atualidade não pode mais ser concebido como algo estável, constituído de forma única, centrada. Bauman (2005) postula que, nesta sociedade líquido-moderna, qualquer tentativa de solidificar as identidades, em geral, é inútil.

As identidades têm como característica principal a pluralidade e isto se mostra, nesta pesquisa, através da heterogeneidade presente nos discursos, nos quais se denota,

por meio de marcas implícitas e explícitas, a presença do outro. Conforme Ramos-Lopes (2010, p. 99):

Essa hibridização identitária é marcadora de uma constante negociação nas possíveis identidades individuais. Essas são cada vez mais influenciadas pela sociedade de consumo e pelas indústrias culturais, além de serem gerenciadas e orquestradas por instituições e cenários locais como escolas, vizinhanças, ambientes profissionais etc. (GILROY, 2007). Assim, as identidades, além de seu caráter multifacetado, também são provisórias e escorregadias.

As identidades se entrecruzam, pois não podem existir individualmente, antes existe uma coletividade na qual ela está inserida e na qual se iguala e se diferencia, se aproxima e se afasta em determinados pontos em relação às demais identidades com as quais divide espaços.

Assim, a coletividade, chamada por Bauman (2003) de “comunidade”, influencia nas identidades para assemelhá-las ou distingui-las. Assim, por essa intervenção da comunidade na sua constituição, as identidades são consideradas construtos sociais que diferem de um contexto para outro. Não é possível, portanto, “regras universais” para a caracterização da identidade étnica, no entanto, é possível vê-las sob uma ótica elevada, percebendo os pontos de intersecção e distinção de um ambiente para outro.

Pensando nos discursos do sujeito que iremos analisar, percebemos que como identificação existe a profissão da docência e o fator étnico-racial. O primeiro é claramente uma eleição realizada por ele, pois o trabalho é uma escolha que define um conjunto de tantas outras, sejam elas comportamentais sejam ideológicas. Quanto ao segundo fator, biologicamente não é uma escolha, mas socialmente sim, pois o docente, para participar da pesquisa, como pré-requisito, teve de se auto identificar negro, logo, auto identificar-se é uma escolha. Conforme Giddens (2002, p. 80):

[...] seria incorreto supor que o estilo de vida só diz respeito a atividades extratrabalho. [...] o trabalho não está de nenhuma maneira completamente separado da arena das escolhas plurais, e a escolha de trabalho e do ambiente de trabalho constitui um elemento básico das orientações de estilo de vida na extremamente complexa divisão moderna do trabalho.

Assim, corroborando com o postulado acima e concordando com o que Ramos-Lopes (2010) nos diz, percebemos que as escolhas cotidianas que realizamos não estão dissociadas entre si, antes se aproximam e constituem uma conjuntura responsável pelo processo de construção das identidades dos sujeitos e este processo torna-se multifacetado, pois está em constante mudança.

3. Abordagens teóricas acerca da negritude

Acerca da negritude e racismo, nos embasamos na compreensão de Munanga (2003, 2009a, 2009b) e Cunha Jr. (2008, 2009). Para Cunha Jr. (2008), os discursos vinculados à negritude estão sempre no patamar da dominação de um grupo forte sobre

um grupo fraco e subalterno, isto é, caracterizando a hierarquia imposta de brancos sobre os negros, hierarquia que repercute na política, no social, na economia, na cultura, dentre outras esferas da vida humana nas quais o negro aparenta ser, em todas elas, relegado a uma posição de subordinado.

Isso ocorre pela existência de uma ideologia de dominação que utiliza de mecanismos de imposição para se afirmar como grupo dominante sobre as minorias étnicas. Nesse sentido, Munanga (2009), ao discutir sobre a identidade negra, revela que há três fatores essenciais na construção dessa identidade, a saber: o fator histórico, sobre o qual o dominador utiliza do apagamento da memória para nublar a história que permite uma identificação entre os sujeitos; o fator linguístico que se estende da língua enquanto idioma para outros fatores comunicacionais como os modos de se vestir, pentear ou os estilos musicais e é mascarado pelo grupo dominante através da desagregação dos grupos e da apropriação de dialetos, isto é, culturas estrangeiras que foram incorporadas à identidade negra.

Por último, o fator psicológico no qual os racialistas acreditam haver diferença no temperamento do negro em relação ao branco, essa diferença seria biológica e esse discurso se tornou a principal arma daqueles que desejavam fazer perdurar o sistema escravagista. Todavia, se há mesmo essa diferença, Munanga ressalta que deve ser explicada a partir do condicionamento histórico do negro e de suas estruturas sociais comunitárias.

Chamamos atenção para o último aspecto, que é veiculado principalmente através dos discursos. Ele se caracteriza por estratificar o negro partindo da proposição de que ele é inferior ao branco até mesmo no aspecto biológico. Essa identidade constituída a partir do biológico é derrubada quando Munanga coloca que o sujeito negro, somente a partir da tomada de consciência de sua diferença em relação ao Outro, inicia seu processo de construção da identidade. Isso significa que a identidade está diretamente ligada ao social e não ao biológico.

Os discursos veiculados sobre o negro apontam para alguns lugares-comuns como: 1. São inferiores na cor/raça, as quais representariam uma ameaça aos demais grupos étnicos; 2. Possuem uma cultura não legítima, isto é, inadequada aos padrões de boa convivência social; 3. São mais violentos e agressivos; 4. São preguiçosos e relutantes ao trabalho ou o oposto, só serviriam para o trabalho braçal, sem nenhum apontamento para uma cognição desenvolvida. Esses discursos são veiculados até os dias de hoje, de forma mascarada, nas entrelinhas do que se é dito, como forma de manter o “mito da democracia racial”.

A partir dessas considerações, observaremos nas entrelinhas dos discursos do docente como ele se vê a partir do que é dito sobre ele enquanto ser negro, tendo em vista que um posicionamento acerca da identidade étnica negra constitui-se como um fator relevante na construção da identidade do sujeito como um todo.

4. Implícitos e Estereótipos na narrativa de Travessa

Segundo Ramos-Lopes (2010, p. 131), “nas práticas discursivas, os acontecimentos produzem sentidos múltiplos” [...], pois “construir sentidos não é algo em que os fatos possam ser vistos isoladamente”. Isso quer dizer que os discursos

produzem sentidos de acordo com o movimento de imbricar-se e apartar-se com outros discursos.

Dessa forma,

o significar de um ato é atravessado por práticas discursivas, que são construídas por uma multiplicidade de vozes que marcam a trajetória de vida de indivíduos que pertencentes a um determinado grupo ou sociedade. Cabe, pois, aos excluídos criarem estratégias a fim de se libertar das identificações pejorativas disseminadas a seu respeito. (RAMOS-LOPES, 2010, p. 131)

Em trechos da narrativa da docente Travessa, percebemos que a docente valeu-se de estratégias reais para liberação de si em relação às “amarras” de cunho pejorativo advindas de discursos preconceituosos que atravessaram sua história de vida em diversas áreas de sua vida. Vejamos o que disse a docente a respeito de sua história seu esposo e como a família dele a tratava:

Quando conheci meu esposo a família dele não queria me ver, pois não gostavam de negro. Fui muito humilhada, me chamavam de tudo que era desagradável, inclusive diziam que eu era uma negra sem prestígio. Com isso, eles pensavam que me afastavam do homem que eu escolhi para mim e que ele também me escolhera. Foi engano, casamos e somos muito felizes. (TRAVESSA)

Travessa conta que era constantemente humilhada e tratada com desrespeito pela família de seu esposo que, implicitamente, afirmavam através das atitudes de preconceito e racismo, não terem qualquer interesse em manter um relacionamento amigável e cordial com a docente, tendo em vista a mesma ser negra. Isso se manifestou de diversas maneiras: na negação do contato manifestada na expressão “não queria me ver” referente à atitude da família do esposo; na humilhação, expressa na utilização de palavras desagradáveis, enfim, foram diversas as tentativas da família em afastar a docente de seu esposo, porém foram inúteis, pois permaneceram juntos.

Perceba-se o enunciado “diziam que eu era negra sem prestígio”. É marcado pelo verbo “diziam” que da forma como está sendo utilizado, é marcador de discurso indireto e revelador da heterogeneidade mostrada marcada e referente aos parentes do esposo de Travessa.

Nota-se também na fala da docente alguns elementos que demarcam a presença da heterogeneidade mostrada não marcada. Como aparece, conforme Barbosa (2008), nas entrelinhas do discurso, veja-se então o que está implícito no trecho lido: a negação da existência, conforme mencionado anteriormente, foi um dos principais elementos identificadores de heterogeneidade mostrada não marcada, tendo em vista que pelo mecanismo da negação, tenta-se matar a vivência da docente Travessa.

A mesma também sofrera durante a vivência estudantil enquanto graduanda.

Quando fiz o Curso de Pedagogia, na UFRN em Macau, na minha turma a mais negra era eu. Encontrei alguns colegas que às vezes pela minha cor queriam fazer algumas gracinhas comigo, tipo apelidar, coisas assim, mas sempre levei na brincadeira, nunca criei problemas com ninguém por isso. Não tenho vergonha da minha cor. (TRAVESSA)

A docente menciona ter vivido situações em que foram utilizados apelidos que se traduzem em estereótipos (MAINGUENEAU, 1997), marcas da heterogeneidade mostrada não marcada, com os quais se qualifica pejorativamente um sujeito, atribuindo a ele uma característica negativa, sem o devido conhecimento de causa, por isso o estereótipo, é sempre equivocado. Além disso, o estereótipo na maioria de seus casos permanece nas rodas de significação.

Travessa, no entanto, tentava não olhar para os apelidos, procurava pensar encarar como brincadeira os apelidos e estereótipos criados em torno dela e mesmo sendo discriminada, ela não se deixou abater e considerou que o que fora dito acerca dela não lhe atingia diretamente. Sua imagem, a partir da intervenção dos discursos estereotipados dos outros, fora pautada na resistência e na luta, pois o que sobra aos afrodescendentes para sobreviverem e se saírem bem (RAMOS-LOPES, 2014) em um sistema racista e segregatório de um país que vive o Mito da Democracia Racial.

Para efeitos conclusivos

Consideramos os discursos identitários ligados a sistemas de significação e portadores de um significado cultural e socialmente atribuído, trazemos para estas considerações a perspectiva Bakhtiniana, de que todo discurso se constitui pela presença da voz de um outro.

Destacamos que os estudos da linguagem são de natureza intrinsecamente dialógica, provenientes de um processo interacional que nos remete aos já ditos os quais possibilitam o acesso ao imaginário coletivo e aos processos ideológicos. Tais acessos estão norteados por vozes sociais que são tecidas por visões diferenciadas de mundo.

Percebemos, dentre outros aspectos, que a docente Travessa mesma constrói sua imagem a partir da intervenção dos discursos estereotipados dos outros e esta imagem fora pautada na resistência e na luta. A docente não se deixou abater, antes encarava como brincadeira os apelidos e estereótipos criados em torno dela.

No que tange às heterogeneidades discursivas, ficou evidente a constante presença do discurso indireto (DI) e esporadicamente o discurso direto (DD). A heterogeneidade mostrada não marcada ficou evidenciada pelo uso simultâneo das duas formas anteriores, DD e DI, o que em imbricação gera o discurso indireto-livre (DIL). Este se manifestou principalmente por meio de estereótipos perpetuados através da família do esposo de Travessa e dos implícitos, isto é, dos discursos que não aparecem na materialidade do texto, mas são inferidos.

Desse modo, acreditamos que a narrativa da docente Travessa está imbricada por vozes que se apoiam, se contrapõem, se diluem em várias outras vozes, provocando diferentes tipos de respostas, ou ainda outros discursos que ao se imbricarem ao discurso do sujeito da pesquisa, se constituirão em outros ditos, os quais afetam a imagem que os investigados constituem de si.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. *Cadernos de estudos linguísticos*, 19. Campinas: IEL, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BARBOSA, M.S.M.F. *A heterogeneidade discursiva em Revistas de Divulgação Científica*. Natal - RN, 2008. 184p. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UFRN.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *A Arte da Vida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BIKLEN, Sári Knopp; BOGDAN, Roberto C. *Investigação qualitativa em educação*. Trad., Maria João Alvarez et al. Portugal: Porto, 1994.
- CUNHA JR., Henrique. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui a escola. In: CUNHA JR., Henrique; GOMES, Ana B. Souza (Org.). *Educação e afrodescendência no Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- CUNHA JR., Henrique. *Os negros não se deixaram escravizar: temas para as aulas de história dos afrodescendentes*. Disponível em: < <http://www.sintese.org.br>>. Publicado em 2009. Acesso em: ago. 2013.
- DUBAR, Cláudio. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Trad. De Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky; Revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Dêcio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MELO, Ednilson de Almeida; RAMOS-LOPES, Francisca. Identidades & Práticas racistas: posições discursivas de alunos do ensino fundamental. In: *Anais do II EREF*, de 30 de outubro a 01 de novembro. Açú: 2013

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2002.

MUNANGA, Kabelengue. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUNANGA, Kabelengue. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

MUNANGA, Kabelengue. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: história, língua, cultura e civilizações*. São Paulo: Global, 2009.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. 2006. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni. P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2006.

RAMOS-LOPES, Francisca Maria de Souza. *A constituição discursiva de identidades étnicorraciais de docentes negros/as: silenciamentos, batalhas travadas e histórias (re) significadas*. 321f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

RAMOS-LOPES, Francisca. *Travessias de vidas: enfrentamentos e conquistas de mulheres negras*. Mossoró: Edições UERN, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.